

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

03. SÁBIO ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL, Ao P. Ferret

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 03. SÁBIO ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL, Ao P. Ferret. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/46>

This II is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

3. SÁBIO ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL

Ao P. Ferret⁹¹

É sem dúvida a mais importante carta de Libermann escrita de Lyon. Com 12 páginas, está datada de 15 de Dezembro de 1839 e dirigida ao sulpiciano P. Ferret, diretor do seminário Maior de Nantes.

Trata da arte da direção espiritual. O P. Ferret⁹² tinha-se permitido um comentário diante de Le Vavasseau, que o comunicou a Libermann, a propósito da vocação para a “Obra dos Negros” de Máximo de la Brunière: “que massacre vós ides fazer se arrancardeste este jovem à França para levá-lo convosco a evangelizar os negros!”

Para além da lição de direção espiritual dada ao P. Ferret, em particular sobre os seus critérios de discernimento vocacional, é o primeiro escrito de Libermann onde transparece a sua visão teológica e espiritual da missão para os “negros”⁹³.

Vivam Jesus e Maria!

Lyon, 15 de Dezembro de 1839

Caro Sr. padre,

Já sabe, por certo, que deixei Rennes, e venho agora dar-lhe a conhecer que foi para sempre; não posso agora entrar em detalhes para lhe contar tudo o que tem a ver com esta situação, porque tenho outras coisas a dizer-lhe que o interessam mais e que são mais úteis para a glória de Nosso Senhor.

Nesta viagem, encontrei um padre excelente e cheio de zelo pela salvação das almas. Tem a experiência de uma dezena de anos de ministério e de vida de comunidade. É um antigo confrade do seminário, a quem me ligam laços de amizade. Ele deu-me a conhecer um plano que Deus lhe inspira, e ao qual quer dedicar-se totalmente: o de formar uma sociedade de padres santos

⁹¹ LS, pg. 307-318 e ND I, pg. 673.

⁹² Cf. índice onomástico.

⁹³ Paul Coulon analisa esta carta na revista *Memoire Spiritaine* n° 6, pg. 22.

Congregação do Espírito Santo

e fervorosos, que se encarreguem de manter o fervor entre os padres que exercem o sagrado ministério no mundo...

Isto começa a sorrir-lhe, não? Este padre leva isso muito a sério. Ele teve em conta o seu projeto duma associação de padres; mas as perspectivas dele são muito mais vastas. O plano dele parece-me muito bem concebido, muito belo, e bem ao jeito de Deus. É um plano notável, muito mais abrangente que o seu; visa em detalhe todos os exercícios e toda a conduta privada do padre no mundo. Não vou falar-lhe agora dos planos que ele tem para esta obra; não consigo explicar-lhos tão bem quanto ele. Penso, e ele também, que você poderia dar-lhe uma grande ajuda na execução desse projeto; estamos convencidos que seria bom pôr-se em contacto com ele. Permita-me apenas uma observação: parece-me que, se lhe parecer que há alguma coisa desaconselhável no seu projeto, seria bom começar por examinar isso a sério diante de Deus, e não o pressionar demasiado mesmo que não esteja de acordo com ele, porque Deus, que parece ter-lhe confiado esta obra, lhe deu neste âmbito mais luzes que a qualquer outro.

Mas esta santa obra exige que lhe diga uma coisa que me custa muito a dizer, porque não valho nada, e não me compete a mim dizer-lhe como deve servir a Deus e conduzir as almas; nestas coisas você tem muitas mais graças e experiência que eu. No entanto, temeria faltar ao meu dever para com Deus se não me explicasse uma vez sobre isto, sobretudo nesta circunstância. Sei de antemão que direi coisas inconvenientes, porque me deixarei levar por uma certa vivacidade interior relativamente ao que desaprovo em si; peço-lhe que me perdoe tudo por amor de Deus, porque lhe garanto que o respeito e o amo muito, como o merece um padre de Nosso Senhor, que trabalha seriamente para a sua glória, enquanto que eu nada faço. Assim, vou exprimir-me sem rodeios, sem calcular nem medir muito as minhas expressões, porque você sabe o que se passa em meu coração e que qualquer inconveniência que me possa escapar não será contra si, mas contra as coisas a que me refiro. Depois deste longo preâmbulo, vamos ao assunto.

Desagradam-me os seus princípios sobre a direção das vocações. Creio, de verdade e diante de Nosso Senhor, que essa maneira de ver e de agir é prejudicial e oposta às ideias de Deus sobre as almas. Parece-me que você quer estabelecer-se como árbitro das vocações, o que de modo algum é competência do diretor: este só deve obedecer à vontade de Deus, que se manifesta numa

Antologia Espiritana

alma. Observei que você dirige as almas à base de muito raciocínio, comparando e examinando racionalmente um monte de circunstâncias, algumas sem qualquer relação com o caso, o que, a meu ver, não leva a nada, já que as coisas divinas e espirituais não é pela razão que se examinam. E quanto mais nos esforçamos e raciocinamos para as conhecer tanto mais estamos sujeitos a enganar-nos. Isso não quer dizer que devemos desprezar as razões, é necessário dar-lhes alguma atenção e até algumas vezes recorrer a elas, quando não se vê claro; mas é necessário saber que elas não são um meio infalível. Creio poder dizer com certeza que não é essa a verdadeira conduta dum bom diretor espiritual; porque não vejo por que haja de ser diferente a direção duma alma no conjunto de sua orientação ou de seu progresso espiritual da sua direção sob o aspeto específico da sua vocação.

A verdade é que na orientação das almas deve atender-se sempre à ação da graça de Deus nelas, e um diretor que o não faça nunca conseguirá fazê-las avançar muito na santidade. É necessário atender não só a essa sedução e atração da graça, mas ainda à maneira como ela atua, ao seu desenvolvimento, à sua influência em tudo o que a alma faz, à situação e à maneira de ser a que induz a alma. O diretor, depois de ver e discernir a ação de Deus numa alma, só tem que levar essa alma a seguir a graça e a ser-lhe fiel. Para isso ele deverá mantê-la em seu estado e ajudá-la a eliminar todos os defeitos e demais obstáculos que impedem a graça de se desenvolver nela e de a santificar plenamente. Mas um diretor deve abster-se de querer conduzir uma alma; isso compete a Deus, e ao diretor o procurar que ela não resista a deixar-se conduzir por Ele. Um diretor nunca deve querer levar uma alma a ter os gostos e as inclinações dele, nem a deve conduzir segundo a maneira de ele agir ou ver as coisas. Um diretor que agisse assim desviaria frequentemente as almas do modo de agir de Deus, e muitas vezes estaria a opor-se à graça divina nelas. Refiro-me às almas que desejam a perfeição, e não às moles e túbias.

Agora dir-lhe-ei que de modo nenhum vejo que seja necessário mudar de método em relação a essas almas quando se trata da vocação. Que meio deve um diretor usar para conhecer o modo habitual de Deus agir numa alma, quer na generalidade quer nas suas inclinações particulares, senão só o da luz de Deus que ele recebe na oração e na sua união contínua com Nosso Senhor? Esta palavra de São Paulo vem muito a propósito aqui: “assim como nas coisas humanas só o espírito humano pode julgar assim também nas coisas divinas só o Espírito de Deus pode discernir”; e se estivermos bem unidos a este divi-

Congregação do Espírito Santo

no Espírito, Ele nos revelará até os mais íntimos desígnios divinos, sempre que isso for útil à salvação das almas.

Veja onde nos leva a razão humana: “qui de terra est, de terra loquitur”. Se somos da terra também nossos pensamentos o serão, os nossos raciocínios não serão segundo Deus e as nossas decisões serão contrárias à vontade de Deus, porque o homem será sempre de terra e barro, e quanto mais a sua razão se intromete nas coisas divinas mais terra mistura nelas. E se o diretor se deve deixar guiar só pela luz divina na direção espiritual como um todo, porque haveria ele de usar outros meios para a orientação vocacional, isto é, para o conhecimento da atração e da influência da graça em relação com o estado de vida que uma pessoa deve abraçar? Não será isto o mais importante, ao serviço do qual devermos colocar os melhores meios e os mais seguros recursos? Vamos desconfiar de Deus por ser tão importante a decisão? Que pena! Desconfiar de Deus e confiar em nossas ideias pessoais, em nossas razões e preconceitos que sempre se lhes misturam!

Creio que o Espírito Santo sopra sempre do mesmo jeito na mesma alma; toda a influência que nela exerce mantém uma constante, o seu modo de conduzi-la é uniforme, e por conseguinte a manifestação da vocação deve fazer corpo com outras manifestações. Quero com isto dizer que a vocação se revela numa alma como se revelam as suas outras inclinações, e por conseguinte, há que usar idênticos meios para a conhecer e discernir. E então se este padrão do agir de Deus numa alma não se altera no chamamento a uma dada vocação, ou seja, se as regras interiores pelas quais ordinariamente constato uma qualquer inclinação importante não de ser as mesmas quando se trata de constatar a inclinação para a uma vocação, que direito tenho eu de contrariar esta inclinação lá porque sou um raciocinador, porque gosto mais disto ou daquilo e tenho cá as minhas ideias e os meus preconceitos? Há alguma necessidade de tanta desconfiança, de tantos esforços para a contrariar? Em vez disso, porque não hei de favorecer-lhe? Garanto-lhe que estou certo de ser esse o meu dever, se quero conduzir as coisas segundo Deus.

Concedo que seja preciso desconfiar da imaginação dos jovens; no entanto, usem-se neste particular os mesmos meios que em qualquer outra circunstância em que se trate de uma inclinação importante. Sejam aconselhados a não se deixarem absorver, a ocuparem-se sobretudo da sua santificação e a manterem-se serenos e entregues a Deus; mas nada de os proibir de falar

Antologia Espiritana

da sua vocação ou de os afastar de nós por troça ou com palavras duras. Pode-se aconselhá-los a exercerem vigilância sobre a imaginação; mas nada de lhes dizer que as suas ideias são pura imaginação. Agindo assim, ver-se-á que os que não tinham verdadeira vocação, pouco a pouco esquecerão o seu projeto, porque um movimento imaginário ou uma atração natural não se aguentam se não tiverem alguma novidade por alimento, ao passo que uma vocação verdadeira mesmo assim persevera. Digo mesmo que, mal nos apercebamos do bem espiritual que uma inclinação vocacional faz numa alma, deveremos dar-lhe desde logo alguma esperança e uma palavra de vez em quando, desde que isso a ajude a renunciar a si própria e a unir-se mais a Deus, mas velando para que ela não dê asas à imaginação. Por norma, deve-se deixar Deus agir nas almas e nunca contrariar a ação da graça, antes, nisto como em tudo o mais, procurar que ela se fortaleça.

Mas um diretor norteado por ideias, perspetivas e princípios pessoais, resiste muito frequentemente à ação do Espírito Santo nas almas. Não nos compete a nós impor leis nem limites a Nosso Senhor. Sei que não queremos isso; pelo contrário, queremos é discernir a sua santa vontade; mas se nos examinarmos bem, chegaremos à conclusão de que lhe resistimos, porque dar-nos-emos conta de que sentimos algum pesar quando uma alma com a qual contávamos ignora ou contraria esses nossos princípios. Esse pesar resulta de tais princípios estarem fundados sobre algum sentimento humano, alguma ideia fixa e serem, assim, preconceitos. Além disso, não há nas coisas exteriores nenhum princípio que se possa ter em conta na direção espiritual. Assim, suponha que eu tenha em vista o bem do clero secular; isso é excelente; mas, se não me acautelar, deixo-me levar por algum apego ou sentimento humano, do género do que acabei mesmo agora de referir; e como consequência, sou até capaz de me indispor com tudo por causa disso, e de não ver nada mais do que isso. Tal modo de agir é mau e desagrada a Deus e, pior ainda, será causa de Deus não abençoar os meus desejos, como seria sua vontade. Porque onde há intromissão, rigidez ou obstinação, interpõe-se o humano, surge o mal.

Desta minha tendência assim imperfeita para desejar a santificação do clero irá resultar que eu queira reter e usar todos aqueles em que vir alguma aptidão para tal; serei eu a querê-lo, eu e não Deus, pelo menos muitas vezes. Isso é devido a essa espécie de atividade interior, essa espécie de dureza, rigidez e obstinação. Isso leva-me a não examinar bem se há ou não verdadeira atração de Deus nas vocações; e, se o faço, é com preconceitos e no

Congregação do Espírito Santo

desejo de achar que não; daí resulta que eu resista frequentemente à voz de Deus nas almas, impeça o progresso espiritual delas, e algumas vezes o bem de uma multidão de pessoas que Deus queria que fossem salvas por essas almas de eleição. O mesmo acontecerá em se tratando de decidir a vocação de um eclesiástico que deva sair da diocese em que eu trabalho e em que eu gostaria de reter os que são capazes de nela fazer o bem.

Caríssimo padre! Perdoe a este pobre miserável por lhe falar assim; é um indigente que nem sequer sabe viver, que é inútil na Igreja, e que se atreve a falar-lhe deste modo; sinto-me profundamente envergonhado pela minha ousadia; mas, sabendo quanto você é humilde e dado a Deus, continuo a minha reflexão.

Pense um pouco como, apoiados nas simples razões que apresentamos, quantas vezes inconsistentes, tendemos a arruinar o serviço de Deus; o nosso espírito é tão limitado e tão miserável que se engana a cada passo.

Essa palavra que você disse ao Sr. Le Vavasour referindo-se ao Sr. de la Brunière ressoou até ao fundo de minhas entranhas, quando aquele me referiu: “que massacre vós ides fazer se arrancardestes este jovem à França para levá-lo convosco a evangelizar os negros!” Pelos vistos, é preciso que todos os que são fervorosos, generosos, de forte personalidade, fiquem em França; e esses milhões de pobres almas abandonadas, para com as quais Deus inspira sentimentos tão generosos, temos que deixá-las precipitarem-se no inferno! Para salvá-las, mandemo-lhes apenas o lixo, almas comuns, pessoas imbecis e de pouco valor! Não, parece-me que isso não é segundo Deus. Os horizontes de Nosso Senhor são mais vastos. Ele veio para salvar toda a gente; deu a vida por todos, pelos mais humildes como pelos mais ilustres, e por conseguinte, o seu sacerdócio é todo e só reconciliação e salvação para toda a humanidade; e, por conseguinte também, aqueles que são associados à plenitude do sacerdócio do seu Mestre devem estender a sua misericórdia a toda a terra, alegrar-se quando este divino Mestre envia salvadores às almas abandonadas, e não ser avaros dando-lhes só o que não serve para grande coisa. Além disso, medir assim as capacidades humanas é calcular e medir as coisas segundo critérios humanas. Quando Nosso Senhor enviou o grande São Paulo aos desprezados gentios, quem se atreveu a querer reter este incomparável Apóstolo na Judeia para bem do povo escolhido? No entanto, havia razões bem mais óbvias e fortes para crer que faria um bem maior entre o seu povo do que entre os gentios.

Antologia Espiritana

Teria ainda muitas outras coisas a dizer-lhe sobre este assunto; mas já disse o bastante. Examine isso na presença de Nosso Senhor, e peça-lhe que não deixe este pobre homem ser um inútil, a não ser que isso resulte de sua santa vontade e não de meus pecados e de minha má conduta no passado e no presente.

Disse-lhe tudo isto porque esse padre vai precisar de si para que lhe dê uma ajuda na sua obra e lhe arranje maneira de recrutar alguns candidatos. Ele há de lhe falar nisso. E como perante mim ele se insurgiu com firmeza contra a mesquinhez daqueles que querem contrariar as vocações inspiradas por Deus devido às suas ideias pessoais (não que alguém lhe tenha recusado candidatos; falou-me disso de forma genérica, por ter visto coisas dessas no passado), quis abrir-me consigo e dizer-lhe o que penso sobre isso para que não seja daí que surjam problemas. Ele chama a isso mesquinhez, porque os que assim pensam querem amesquinhar os horizontes de Deus e a sua misericórdia.

Meu caríssimo padre, baixo-me a seus pés para os abraçar e lhe pedir perdão pela ousadia deste quase desaforo com que lhe falo. Conceda-me ou melhor continue a conceder-me, por favor, a caridade que tem tido para comigo, e na qual sou seu pobre e miserável servo.

Fr. Libermann